

## Opinião

## Eu... e “Ele e Ela”

Preia-Mar

Carlos Campos



**A**s novas gerações pouco ou nada conhecem de Madalena Iglésias. Nos chamados anos dourados da música, década de 60, um pouco por todo o lado, emergiam conjuntos musicais, vozes de sucesso, que faziam a delícia dos bailes da minha juventude. De Itália, França, Inglaterra, Estados Unidos... chegavam-nos grandes éxitos. Estilos diferentes, ritmos alucinantes uns, calmos outros.

O conjunto Marino Marini, Adamo, Beatles, Elvis Presley, só para recordar alguns. As suas músicas, os éxitos, “alimentavam” os gira-discos da época. Em clubes recreativos e culturais. A moda das discotecas ainda não tinha cá chegado. Era a chamada música de salão, que muitos ainda hoje cultivam.

Quem de nós nunca dançou “Marina”, de Marino Marini, “Torne la Neige”, de Adamo, “Yesterday”, dos Beatles, ou “It’s Now or Never”, de Elvis Presley? Noites de sábado ou tardes de domingo, depois do futebol, aí estava a “malta” para um pé de dança.

Vem tudo isto a propósito da recente morte de Madalena Iglésias (Madalena Lucília Iglésias do Vale, de seu nome completo), nascida a 24 de Outubro de 1939, em Lisboa. Morreu em Barcelona. A sua carreira que passou pelas canções e pelo cinema iniciou-se como a de tantos outros no Centro de Preparação de Artistas da Rádio, na antiga Emissora Nacional.

O seu nome brilhou ainda mais, em 1966, quando venceu o Festival RTP da Canção com



o tema “Ele e Ela”, da autoria de Marco Canelhas. O Festival era sem dúvida o programa que marcava a televisão nesse tempo. Com apenas um canal, a oferta era limitada. A preto e branco... e não estava ao alcance de todos. Daí, os Cafés encherem-se em dias de programas especiais, como era o caso.

A “caixinha mágica” fazia a delícia de muitos de nós. As conversas são como as cerejas e recordo a chegada pela primeira vez à Lua. Foi a 20 de Julho de 1969 que Neil Armstrong pisou o nosso satélite. “Este é um pequeno passo para o homem, um salto gigantesco para a humanidade”. Foram estas as suas primeiras palavras

logo que pisou solo lunar. Houve muito boa gente que não acreditou. Junto a mim, na mesa do lado, no café, houve alguém que disse: “Querem enganar quem? Isto é tudo gravado e eles a dizerem que é em directo. E logo da Lua...”.

Eram outros tempos. Madalena Iglésias brilhava no panorama musical português. Com ela mais um trio, felizmente ainda todos vivos: Simone de Oliveira, António Calvário e Artur Garcia. A “luta” entre as cançonetistas era tremenda. Ampliada por uma imprensa amordaçada por um lápis azul ditatorial, que não deixava passar nada que pudesse incomodar o regime vigente, o “nacional cançonetismo”, como

lhe chamou Mário Castrim, porventura o maior crítico de televisão daquela época, agradava “aos donos disto tudo” desse tempo, primeiro com Salazar à frente, depois Marcelo Caetano.

Não foi por acaso que o Festival da Canção de 7 de Março de 1980 inaugurou a televisão a cores. Nessa altura é que os cafés voltaram a ser a grande plateia de todos nós. Muitos já tinham o pequeno televisor a preto e branco, mas a cores... era só para os ricos.

O desaparecimento aos 78 anos de Madalena Iglésias fez-me recuar no tempo. Sobre a sua morte falaram os companheiros de sempre. Ouvi Simone e Calvário. O país não esqueceu uma das suas “Rainhas da Rádio”. Era um concurso anual. Marcelo Rebelo de Sousa recordou uma das “pioneiras da televisão”.

É bom que assim seja. Um país sem memória, não é um país. Quer se goste ou não da música ligeira que então se fazia. Era a que deixavam circular livremente. As outras eram abafadas.

Com a morte de Madalena Iglésias perdeu-se um pouco da minha juventude.

Que descanse em paz. ◀

”

**Madalena Iglésias brilhava no panorama musical português. Com ela mais um trio, felizmente ainda todos vivos: Simone de Oliveira, António Calvário e Artur Garcia**

## Semana do Doente Oncológico

**O** Dia Mundial da Luta Contra o Cancro comemora-se a 4 de Fevereiro. É um evento global que une a população em torno da luta contra o cancro, através da sensibilização e da educação. O serviço de Oncologia do Centro Hospitalar do Baixo Vouga pretende assinalar esta data através de acções de sensibilização dirigidas aos doentes e comunidade em geral.

Sabemos que a forma como cada um se adapta à doença está relacionada com o contexto psicossocial, mas também com o apoio especializado da sua equipa de saúde. Pela complexidade que caracteriza o cancro, o tratamento oncológico deixa de estar na esfera individual, para difundir-se em todo o meio onde o doente está inserido. Como em tudo, quem vivencia a situação é sempre o melhor elemento para dar o seu testemunho. Pedimos a um dos nossos doentes que o fizesse.

**“Manter a calma é o melhor remédio”**  
“É maligno”. Eis uma frase que ninguém espera

escutar. Naquele aparentemente eterno instante tudo parece parar enquanto nos ajustamos aos inúmeros cenários que esta nova realidade irá gerar na nossa vida ao escutar tal frase. Eu? A família? O trabalho? Que faço agora?

A resposta que encontrei para mim foi “Vou manter a calma e prosseguir normalmente”. Afinal, não percebo de medicina, não tenho respostas milagrosas e ficar stressado ou deprimido não ajudariam em nada. Já lá vão quase três anos e continuo calmamente a prosseguir. Uma batalha de cada vez, semana a semana, enfrentando os dias melhores e os piores com vontade de os ultrapassar. Claro que nem sempre é fácil e há efeitos secundários do tratamento que por vezes me deixam derrotado, mas creio que o processo é tão ou mais mental do que é físico e, nessas alturas, respiro fundo, foco-me no que me é mais importante e assim encontro novo alento para me levantar e continuar a lutar.

Todos sabemos que há dores, enjoos, diarreias, fadiga, enfim um autêntico rol de desagradáveis desconfortos que dão para encher compêndios, po-



rém estes efeitos físicos são controláveis por via externa, seja através de medicamentos, ajustes à alimentação, etc, enquanto que os efeitos mentais estão única e exclusivamente na nossa mão e só nós os podemos orientar. Ao longo destes anos tenho assistido a vários exemplos práticos disto mesmo noutros doentes oncológicos com ainda mais anos destas batalhas que, creio, em grande parte graças ao seu espírito positivo, mantêm a doença controlada e conseguem levar uma vida tão normal quanto possível. Eles servem-me de inspiração e fazem-me acreditar que também me é possível

continuar a impedir o avanço da minha doença.

Apesar destas lutas serem essencialmente pessoais isto não quer dizer que se esteja desacompanhado, pois há um esforço de grupo. Numa altura em que se fala bastante da precariedade do sistema nacional de saúde, eu olho para estes últimos anos e só posso elogiar os profissionais que tanto me têm ajudado, não só com o seu trabalho e competência, mas também com a sua simpatia e empatia. Uma palavra amiga na altura certa faz maravilhas e ajuda muito mais do que à partida se possa pensar. Não posso, portanto, deixar passar a oportunidade de agradecer tudo o que têm feito e certamente continuarão a fazer.

A mim resta-me o percurso que desde o início escolhi, vou, continuar a manter a calma e prosseguir normalmente”.

Obrigado, deixou-nos o coração cheio de emoções. ◀

**Serviço de Oncologia do Centro Hospitalar do Baixo Vouga**